

O EXTINTOR QUE (D) ENUNCIA A/NA NOVELA “OS DEZ MANDAMENTOS”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Dalexon Sérgio da SILVA⁵⁵

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de AZEVEDO⁵⁶

Resumo: O presente trabalho promove uma análise da imagem, apresentada em dois ângulos, de uma foto da novela de época: Os Dez Mandamentos, produzida e apresentada pela rede Record de televisão, na qual um extintor de incêndio aparece em cena, (d)enunciando. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), baseados nos estudos de Pêcheux (1969; 1988; 1999) na Europa e de Orlandi (2007; 2012; 2005; 2001) e seguidores no Brasil, este trabalho mobiliza o conceito de memória discursiva e de formação imaginária e discursiva para analisar esta imagem do extintor, em cena, como materialidade discursiva, funcionando como unidade de sentido em relação à situação.

Palavras-chave: Análise de discurso. Memória discursiva. Formação discursiva.

Abstract: *This paper promotes an image analysis, presented in two angles, from a photo of the novel season: The Ten Commandments, produced and presented by the Record television network, in which a fire extinguisher appears on the scene, (d)enunciating. In the light of the theoretical perspective and analytical procedures of the French Discourse Analysis (DA), based on studies of Pêcheux (1969; 1988; 1999) in Europe and Orlandi (2007; 2012; 2005; 2001) and followers in Brazil, this work mobilizes the concept of memory discursive and imaginary and discursive formation to analyze this extinguisher, on the scene, as discursive materiality, functioning as sense of unity to the situation.*

Keywords: *Discourse analysis. Discursive memory. Discursive formation.*

⁵⁵ Doutorando do Programa de Doutorado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: dalexon@uol.com.br

⁵⁶ Doutora em Letras e Linguística, professora e pesquisadora do PPG em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

Introdução

Sucesso em recorde de audiência, a novela *Os Dez Mandamentos*, da rede Record de Televisão brasileira, foi ao ar no dia 23 de março de 2015 e, logo, consolidou-se como a novela mais vista da atualidade, conforme atestaram vários meios de comunicação no Brasil. A novela foi escrita por Vivian de Oliveira e dirigida por Alexandre Avancini. A trama começou com a previsão de 150 capítulos, mas, devido ao grande sucesso, foi ampliada para 170 e chegou ao fim de sua primeira temporada em 23/11/2015.

Em meio ao midiático sucesso da novela mais assistida no Brasil, nos últimos meses, algo a mais chamou a atenção do Brasil para ela. No capítulo que foi ao ar, na quarta-feira, 07 de outubro de 2015, um extintor de incêndio apareceu numa cena da novela e provocou diferentes efeitos de sentido, fazendo reverberar vários discursos na mídia brasileira. A revista *Veja*, trouxe, por exemplo, a seguinte manchete: “*Extintor de incêndio ‘faz ponta’ em ‘Os Dez Mandamentos’*”. Já o site da *UOL* destacou: “*Extintor aparece em cena de ‘Os Dez Mandamentos’ e vira piada na web*”. Para se ter a dimensão do efeito de repercussão que tal evento ocasionou, o jornal *Diário do Sertão* também publicou em capa: “*Novela de época: ‘Os Dez Mandamentos’ erra e deixa extintor de incêndio aparecer em cena*”.

Logo, novos efeitos metafóricos foram gerados a partir da proliferação dessas manchetes, e de outras, acerca do ocorrido. Muitos leitores, na posição-sujeito de internautas, a partir das formações discursivas de onde enunciam, reverberaram vários enunciados, tais como: “*segurança acima de tudo, é um dos mandamentos da Record*”, outro internauta pontuou: “*a novela é tão boa que os egípcios já estavam com o extintor esperando a chuva de fogo*”, outro ainda publicou uma foto do personagem Moisés, dizendo: “*deixamos um extintor aparecer na cena da novela só pra lembrar que vocês precisam apagar esse fogo que sentem pelo irmão bonitinho da igreja*”. Houve ainda vários outros comentários, como: “*pô, Record, que mancada, acabou a exigência do extintor*”. Assim, proliferaram-se vários enunciados e discursos acerca do fato ocorrido, produzindo distintos efeitos metafóricos nesta relação entre paráfrase e polissemia.

Como se pode perceber na proliferação dos efeitos de sentidos provocados por um detalhe atual em cena estruturada do passado, este artigo mobiliza o campo teórico e analítico da Análise do Discurso de linha francesa pêcheutiana (AD), para compreender este extintor, não como um simples objeto utilitário, mas de acordo com Pêcheux (1969) como uma materialidade discursiva que, ao mesmo tempo, enuncia e denuncia a exterioridade e, nestas

marcas da historicidade promove apagamentos e silenciamentos, conforme aponta Orlandi (2007) em seu livro intitulado: “*As Formas do Silêncio*”.

Orlandi (2012) explica que o conceito de materialidade não deve ser banalizado, sendo referido apenas à natureza dos objetos, ou aos suportes textuais distintos, como vem sendo mencionada. A autora afirma que a forma material carrega em si os preceitos do materialismo histórico e do materialismo dialético que apontam para os conceitos de ideologia e história. Pêcheux (1969) ao articular ideologia e inconsciente na linguagem, revela que os sentidos são constituídos historicamente por meio dessa relação simbólico/ideologia/inconsciente. Assim, é a materialidade que permite entender o funcionamento da ideologia pelo inconsciente. Lagazzi (2010) compreende a materialidade significativa que envolve essa relação, apresentada acima, o que a torna “nem abstrata, nem concreta, nem empírica, mas matéria simbólica.

Desse modo, interessa-nos analisar o extintor que faz ressignificar e promove uma movência na rede de filiação dos sentidos, ao marcar a presença de, pelo menos, duas formações discursivas, a da atualidade (modernidade) e a dos hebreus do antigo Egito (a primitiva, da antiguidade), acionando a memória discursiva, como bem defendeu Orlandi (2005). Desse modo, a presença do extintor nas condições de produção, faz (d) enunciar as diferentes formações discursivas presentes nesta cena da novela, marcando a posição da formação discursiva da atualidade (modernidade).

O sujeito na análise do discurso de linha francesa

A Análise do Discurso de linha francesa foi fortemente influenciada por duas fortes vertentes: do lado da ideologia, os conceitos postulados pelo teórico Louis Althusser e do lado do discurso, os conceitos de Michel Foucault. A partir das análises dos trabalhos desses dois teóricos, Pêcheux, elaborou e postulou seus conceitos. Dessa maneira, a AD compreende o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, assim seu sujeito não é uno ou do cogito, mas é considerado um sujeito descentrado, cindido, clivado. Ele não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois esses processos são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante se inscreve, embora esse sujeito possua a ilusão de ser a fonte ou origem do seu discurso.

De acordo com Mussalim (2003) a teoria inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Sendo assim, o sujeito laciano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria do sujeito

condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não-consciente.

Desse modo, calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim,

o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...], a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2003, p.111).

Do exposto, a Análise de Discurso entende o sujeito, a linguagem e os sentidos como partes de um todo interacional e indissociável. Seu sujeito é clivado porque é dividido entre o “eu” e “o outro”, e nisso o discurso se configura como a relação entre sujeitos e sentidos entendidos como aquilo que insere o linguístico em articulação com a história, com a ideologia.

Com base em Courtine (1981), pode-se concluir que um espaço social caracterizado pela permanente disputa de forças antagônicas deixa, irremediavelmente, marcas tanto na linguagem quanto no sujeito. Nesse trâmite, a AD concebe a linguagem como um lugar de conflito e opacidade que, com a conjunção da história, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto.

Nesse viés, retomando Pêcheux (1988, p. 163), “quando o sujeito diz “eu”, o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade”, [...] algo produzido após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro [...]” É dessa forma que pela inscrição no simbólico o sujeito se mostra em sua inserção na história, em outras palavras, é afetado ideologicamente. Neste ângulo, podemos dizer que o ponto de partida do sujeito da AD é “o outro”, ou seja, o outro da linguagem e da historicidade.

Para Lacan (1957) é a partir da fala e do modo como esta é endereçada ao outro que podemos escutar e identificar o sujeito e, na medida em que o sujeito é falante, sua relação com “o outro” não se fecha numa relação dual, já que inclui um terceiro, o “grande outro”. Do exposto, fica pontuado que o sujeito do discurso é um termo usado para especificar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito que fala com relação ao seu ato de linguagem.

As formações imaginárias e o papel da memória discursiva

Orlandi (2005) aborda em seus estudos que, na maioria das vezes, os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas.

Orlandi (2005) ainda salienta que as condições de produção compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção, tornando-se fundamental. É nesse ponto que o sentido não existe em si, sendo parte constitutiva do contexto-histórico-social. Ele é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e de que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam, sendo através da Formação Discursiva (FD) que se consegue compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia, sendo a Formação Discursiva que determina o que pode ser dito.

Orlandi (2005) e Brandão (2004) tecem importantes considerações em relação à forma como o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si. Assim, essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, elas se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Isto é, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação geradas pelas formações imaginárias:

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p.44).

Do exposto, no mecanismo da antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, o sujeito representa, em suas formações imaginárias, o outro, prevendo o efeito de suas palavras. O locutor regula seu discurso conforme os efeitos que espera reproduzir no interlocutor. Deste modo, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante. Nessa perspectiva, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Nesse item, Pêcheux (1990) tece seus estudos observando que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia – variação de dominância das palavras.

Com relação ao imaginário, vale reproduzirmos o que escreve Orlandi:

Segundo o mecanismo da antecipação, todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2005, p.39).

Logo, é a representação que o sujeito faz desse interlocutor que direciona a produção de seu discurso. Vale ressaltar que a relação de sentido postula que não há discurso original - todo discurso faz parte de um processo: é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos.

Outro elemento pertinente a este trabalho que merece destaque é o papel da memória. Como já foi dito, este trabalho deve ser observado e compreendido à luz da perspectiva da análise do discurso de linha francesa. Assim, assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao apontar que:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Isso posto, para Pêcheux (1999), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Nesse item, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não conseguimos recuperar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*. Ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente. Dessa forma, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2001) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso.

Pêcheux (1999) também compreende a memória discursiva, nesse ponto, enfatizada como interdiscurso. De outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Em razão disso, a memória e,

consequentemente, o interdiscurso, são responsáveis diretos pela constituição do sentido, como bem atenta Orlandi (2001, p. 33): “a constituição determina a formulação, levando-se em consideração que só se pode dizer (formular), colocando-se na perspectiva do dizível (memória, interdiscurso) ”.

Nessa guisa, é, pois, fundamental ressaltar que Pêcheux (1999) não dissocia memória do histórico e do político. Assim, o fato de que exista o outro interno em toda memória é a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior. Isto é, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. Contudo, para Pêcheux (1999) a memória é muito mais do que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Ela é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo o momento, fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir.

Aspectos metodológicos

O universo da pesquisa foi constituído pela imagem presente numa foto que continua em ampla circulação na internet e foi extraída do site da Uol, acessado no dia 08 de outubro de 2015. Na imagem se pode verificar a presença de um extintor de incêndios num cenário que retrata a formação discursiva egípcia na antiguidade, num capítulo da novela que foi ao ar no dia 07 de outubro de 2015. A foto será exposta em dois ângulos e analisada à luz da perspectiva teórica e analítica da Análise do Discurso de linha francesa.

Trabalho analítico numa materialidade discursiva

Observemos, agora, a presença de um extintor de incêndios nestes dois ângulos da foto de uma cena da novela *Os Dez Mandamentos*, cena que foi ao ar no dia 07 de outubro de 2015 na rede Record de televisão brasileira:

FOTO DA CENA DA NOVELA: OS DEZ MANDAMENTOS



FOTO DA CENA NOUTRO ÂNGULO



Conforme se pode observar nas fotos a partir dos dois olhares, há vários elementos que favorecem as condições de produção identificadas à formação discursiva dos personagens que

ocupam, na novela, a posição-sujeito de cidadãos egípcios, representando o antigo Egito. Contudo, o extintor presente nesta cena, ao lado de um cântaro, faz enunciar novos efeitos de sentidos e denuncia pelo menos a presença de duas formações discursivas: *a formação discursiva egípcia* e *a formação discursiva da atualidade, modernidade*.

Dito de outro modo, o extintor aponta para a exterioridade, conforme compreende Pêcheux (1969), ao dizer que alguma coisa fala antes em outro lugar independentemente e diferentemente. Assim, o interdiscurso é acionado nessa relação constitutiva na historicidade, pois o extintor significa ao (d) enunciar inscrevendo-se numa memória. Logo, pode-se dizer que essa memória se diz no extintor, que funciona como unidade de sentido em relação à situação.

Nessa diretriz, ele provoca silenciamentos, significando o não dito e produzindo as condições para significar, tendo em vista que, conforme compreende Orlandi (2007), a linguagem é o movimento periférico em torno do silêncio. Sendo assim, os silenciamentos provocados pela presença do extintor na conjuntura da novela mostram-se por fissuras, rupturas e falhas, permitindo-nos conhecer os processos de significação que ele põe em jogo, por meio dos caminhos apresentados em seu modo de significar. O extintor presente nas condições de produção da novela está cheio de silêncio e promove o silenciamento de saberes pertencentes à *formação discursiva egípcia* apresentada na novela. Ele (d) enuncia os limites de, pelo menos, essas duas formações discursivas.

Retomando Orlandi (2005), observamos que os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois, os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. Desse modo, a presença do extintor promove uma tensão nas condições de produção desse discurso egípcio apresentado na novela, descaracterizando também a posição-sujeito apresentada pelos personagens da novela inscritos na formação discursiva do antigo Egito para enunciar.

Orlandi (2005) ainda salienta que as condições de produção compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação. Logo, a presença do extintor (d) enuncia à falha, a incompletude no sujeito e na situação envolvendo direto às condições de produção desse discurso egípcio apresentado na novela, pois embora saibamos da grande sabedoria do povo do antigo Egito, somos conhecedores de que este povo não mobilizava os saberes quanto a um extintor de incêndio, que é um elemento identificado às posições-sujeito da atualidade, inscritos numa formação discursiva da modernidade.

Desse modo, pelo acionamento da memória discursiva, invocada pelo extintor, fala uma voz sem nome, como bem compreende Courtine (1981). Assim, a presença do extintor afeta a posição-sujeito do antigo Egito apresentada na novela *Os Dez Mandamentos*, porque faz acionar as formações imaginárias acerca do lugar social que é inscrito nessa formação discursiva. Então, não é especificamente o lugar social que é afetado em seu funcionamento, mas o lugar social marcado pelo imaginário, pois é o imaginário desse lugar que deixa de funcionar, apontando para a incompletude. Pêcheux (1969) afirma que não há palavras neutras, as palavras estão sempre carregadas de uma força, que é dada por esse imaginário na relação entre os lugares sociais. Nesse ponto, pode-se dizer que o extintor não é neutro nessa conjuntura apresentada na novela, pois ele funciona como uma unidade de sentido em relação à situação, por isso ele tornou-se objeto de estudo deste artigo, pela sua funcionalidade.

É nessa relação de forças que o extintor é visto, nesta análise, como materialidade discursiva, constitutiva na historicidade e marcada pela ideologia que o naturaliza, cristalizando o sentido de que ele é um extintor e, portanto, um elemento da modernidade. Ele assume uma posição com mais força do que toda a conjuntura egípcia apresentada na novela, pois embora haja mais elementos em cena que estão identificados à formação discursiva do antigo Egito, apenas, a presença desse único elemento (o extintor), já descaracteriza toda esta formação discursiva egípcia apresentada e promove uma ruptura em cena, produzindo efeitos de sentidos negativos que contrariam o alto investimento da rede Record para caracterizar a formação discursiva do antigo Egito na novela. Nesse item, Pêcheux (1990) observou que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia.

Brandão (2004) afirma que o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si e essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, que se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Ou seja, as relações de sentido, de força e antecipação. Isto é, as formações imaginárias, como bem percebe também Orlandi (2005). Nesse ponto, é pertinente ressaltar que circulam nessa conjuntura apresentada na novela *Os Dez Mandamentos*, a presença de formações imaginárias distintas, que se projetam em relação à posição-sujeito inscrita na formação discursiva do antigo Egito e que se projetam atravessadas pela ideologia, naturalizando a compreensão de que se trata de um extintor de incêndios. Logo, é justamente isso que marca a diferença, a falha, a incompletude, os deslizos e provoca uma ruptura na conjuntura apresentada, pois quebra a regularidade das cenas que vinham sendo mostradas na novela, tendo em vista que, até então, todas as cenas que vinham sendo exibidas

nesta novela apresentavam um discurso identificado à formação discursiva do antigo Egito. Tal ruptura fez reverberar vários enunciados e discursos, principalmente, os que circularam produzidos pelos sujeitos-telespectadores e pelos sujeitos-jornalistas que assistiram a esta cena da novela.

Considerações finais

O presente trabalho mostrou o extintor, não como um objeto decorativo ou funcional (como apagador de incêndios), mas como uma materialidade discursiva, que significa e marca posição ao (d) enunciar a/na novela *“Os Dez Mandamentos”* a presença de pelo menos duas formações discursivas: a da atualidade (modernidade) e a dos hebreus do antigo Egito (a primitiva, da antiguidade), modificando as condições de produção desse discurso novelístico, que envolvem, constitutivamente, o sujeito e a situação, promovendo uma mexida na rede de filiação de sentidos.

Desse modo, funcionando como unidade de sentido em relação à situação, o extintor fez reverberar novos efeitos de sentidos e metafóricos, conforme mostrado anteriormente neste trabalho, bem como, promoveu a proliferação de vários enunciados, tais como: *“A novela é tão boa que os egípcios já estavam com o extintor esperando as bolas de fogo que caíram do céu”*. Ou, *“Segurança acima de tudo, extintor de incêndio no Egito”*. Ou de modo semelhante a este: *“Deixaram um extintor aparecer na cena da novela só pra lembrar que vocês precisam apagar esse fogo que sentem pelo irmão bonitinho da igreja”*. Ou ainda: *“Um dos dez mandamentos da Record é a segurança acima de tudo”*. Enunciados que apareceram nas primeiras páginas dos principais veículos de comunicação do Brasil.

Estes, dentre outros enunciados, que reverberaram em diversos discursos acerca do fato ocorrido, permitiram que o linguístico, intervindo como pressuposto, apontasse para a exterioridade, para o já-dito, conforme nos aponta Pêcheux (1969), ao dizer que alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente e diferentemente. Assim, constituindo-se nesta relação entre paráfrase e polissemia, houve o acionamento da memória discursiva, promovendo o encontro de uma atualidade e uma rede de memórias, nesta produção de sentidos constituída pela historicidade.

Outrossim, é pertinente ressaltar que o que favorece a proliferação de tais enunciados e discursos sobre o ocorrido é a determinação histórica, pois são os efeitos da falha na língua inscrita na história que constitui a discursividade. Portanto, tantos os sujeitos que ocupavam a

posição-sujeito hebreia na novela, quanto os internautas que comentaram o ocorrido, inscreveram-se, inconscientemente, na história para enunciar, significar, bem como o extintor que (d) enuncia, só o faz porque está envolvido na história, porque há uma memória cristalizada e naturalizada pela ideologia que aponta que ele é um extintor e não outro objeto, contudo a historicidade que constitui este objeto aponta para a compreensão de que ele é elemento constitutivo da formação discursiva da atualidade, modernidade, ao mesmo tempo em que mostra a presença dele convivendo com outra (s) formação/formações discursivas, o que faz promover o efeito de incoerência, de falha, de ruptura nesta cena da novela em relação às demais cenas apresentadas aos telespectadores. O objeto não pertence à formação discursiva da antiguidade. Assim, tem o efeito de excesso, o que marca um estranhamento no expectador e gera discursos de humor provenientes de enunciados publicizados na mídia impressa e eletrônica, tais como: *“Extintor de incêndio ‘faz ponta’ em ‘Os Dez Mandamentos’ ou ‘Extintor aparece em cena de ‘Os Dez Mandamentos’ e vira piada na web”*.

Logo, é a determinação histórica e não um determinismo que constitui o extintor de incêndio na novela, tendo em vista que tanto pode haver a reprodução quanto a ruptura, pois há formulações novas que aparecem na mídia impressa e eletrônica em todo o território brasileiro, apontando que o sentido sempre pode ser outro. É porque há uma determinação histórica que os sentidos permanecem, mas também é porque a determinação é histórica que eles podem mudar. Assim, o extintor de incêndio serve para (d) enunciar como esta determinação histórica funciona nesta cena da novela *“Os Dez Mandamentos”*, exibida pela rede Record de televisão.

Referências

BRANDÃO, M. H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

COURTINE, J.-J.; MIRANDIM, J. M. **Quel Object pour l'analyse du discours? Materialités discursives**. Lille: Press Universitaires, 1981.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. (1957). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAGAZZI, S.. **Linha de Passe**: a materialidade significativa em análise. RUA [online] – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: < <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>, n. 16, v. 2, 2010, acessado em 12 de janeiro de 2012.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Análise do discurso**: princípios & procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, S.P.: Unicamp, 1993. (Coleção Repertórios). p. 61-161.

_____. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

Sites

Com cena do mar vermelho os Dez Mandamento bate recorde absoluto em Pernambuco. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/11/11/internas_viver,609557/com-cena-do-mar-vermelho-os-dez-mandamentos-bate-recorde-absoluto-em-pernambuco.shtml. Acessado em 11 de novembro de 2015.

Êxito de os Dez Mandamentos leva Reciord a crer com nova atração. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1683472-exito-de-os-dez-mandamentos-leva-record-a-correr-com-nova-atracao-biblica.shtml>. Acessado em 20 de setembro de 2015.

Extintor de incêndios faz ponta em Os Dez Mandamentos. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/extintor-de-incendio-faz-ponta-em-os-dez-mandamentos/>. Acessado em 08 de outubro de 2015.

Extintor de incêncio aparece em cena de Os Dez Mandamentos. Disponível: <http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2015/10/07/extintor-de-incendio-aparece-em-cena-de-os-dez-mandamentos.htm?mobile>. Acessado em 08 de outubro de 2015.

Extintor aparece em cena de novela e vira piada na internet. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/extintor-aparece-em-cena-de-novela-e-vira-piada-na-internet-1.964286>. Acessado em 08 de outubro de 2015.

Novela de época Os Dez Mandamentos erra e deixa extintor de incêndio aparecer em cena. Disponível em: <http://www.diariodosertao.com.br/noticias/entretenimento/50766/novela-de-epoca-os-dez-mandamentos-erra-e-deixa-extintor-de-incendio-aparece-em-cena.html>. Acessado em 09 de outubro de 2015.

Novela Os Dez Mandamentos Rouba Liderança da Globo em Pernambuco e Bate Recorde Absoluto em Setembro. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/09/11/internas_viver_597492/novela-os-dez-mandamentos-rouba-lideranca-da-globo-em-pernambuco-e-bate-recorde-em-setembro.shtml. Acessado em 11 de setembro de 2015.

Os Dez Mandamentos. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/os-dez-mandamentos>. Acessado em 16 de janeiro de 2016.

Os Dez Mandamentos se matém firme diante da seleção brasileira. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/10/09/internas_viver_602943/os-dez-mandamentos-se-mantem-firme-diante-da-selecao-brasileira.shtml. Acessado em 23 de novembro de 2015.

Os Dez Mandamentos Bate Recorde de Audiência. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/09/18/internas_viver_598816/os-dez-mandamentos-bate-recorde-de-audiencia.shtml. Acessado em 17 de outubro de 2015.